Minhas senhoras e meus senhores:

Alguém que se aventure a falar sobre a estupidez sujeita-se, hoje em dia, a toda a espécie de vexames; as pessoas podem achar que é presunção, podem mesmo achar que está a perturbar o curso actual das coisas. Eu próprio escrevi há já vários anos: “Se a estupidez não fosse parecidíssima com o progresso, o talento, a esperança ou o aperfeiçoamento, ninguém quereria ser estúpido.”² Isto foi em 1931; e ninguém ousará duvidar de que, depois disso, o mundo ainda viu progressos e melhorias! Assim se vai gerando pouco a pouco uma certa premência da pergunta: o que é, afinal, a estupidez?

Também não gostaria de omitir o facto de que, enquanto escritor, há muito mais tempo que conhe-

ço a estupidez, poderia mesmo dizer que tive, muitas vezes, uma relação colegial com ela! E, na literatura, mal um homem abre os olhos, vê-se, além disso, perante uma resistência quase impossível de descrever, que parece poder assumir todas as formas: seja uma forma pessoal, como, por exemplo, a forma respeitável de um professor de história literária, que, habituado a apontar a distâncias incontroláveis, falha, no presente, funestamente o alvo; seja uma forma geral difusa, como a da transformação do juízo crítico pelo juízo comercial, desde que Deus, na Sua bondade dificilmente compreensível, emprestou a língua do ser humano também aos produtores de filmes sonoros. Anteriormente, já uma ou outra vez descrevi outros fenómenos semelhantes; mas não é necessário repeti-lo ou completá-lo (e, aparentemente, seria até impossível, em vista da propensão para a grandeza que, hoje em dia, toda a gente tem): basta sublinhar, como conclusão segura, que a condição antiartística de um povo não se exprime apenas em épocas más e de maneira grosseira, mas também já em épocas boas e de qualquer maneira, de modo que, entre a repressão e a proibição e os doutoramentos *honoris causa*, as designações para a aca-

demia e as distribuições de prémios, apenas existe uma diferença de grau.

Sempre suspeitei de que esta resistência multiforme à arte e ao refinamento do espírito por parte de um povo que se gaba de amar a arte não era senão estupidez, talvez um tipo especial dela, uma especial estupidez estética e talvez também emocional, mas que, em qualquer caso, se expressava de maneira que aquilo a que chamamos o espírito sensível era, ao mesmo tempo, uma sensível estupidez; e ainda hoje não vejo muitas razões para abandonar esta opinião. É claro que não pode assacar-se à estupidez tudo aquilo que desfigura uma preocupação tão plenamente humana como é a arte; como mostraram especialmente as experiências dos últimos anos, tem de ficar espaço também para os diferentes tipos de falta de carácter. Mas não deveria objectar-se que o conceito de estupidez não é pertinente neste contexto, uma vez que se refere à razão e não a sentimentos, ao passo que a arte depende destes. Seria um erro. Mesmo a fruição estética é juízo e sentimento. E peço-vos licença para, em complemento a esta grande fórmula, que fui buscar a Kant, não apenas lembrar que Kant está a falar de uma capacidade do juízo estético e de um juízo de

gosto, mas também repetir logo as antinomias a que conduz:

Tese: o juízo de gosto não se baseia em conceitos, visto que, de outro modo, seria possível discuti-lo (decidir pelo meio da prova).

Antítese: baseia-se em conceitos, visto que, de outro modo, nem sequer seria possível debatê-lo (procurar um acordo unânime).

E gostaria agora de perguntar se não subjaz também à política e à balbúrdia da vida em geral um juízo semelhante, com uma antinomia análoga? E, onde habitam o juízo e a razão, não será lícito esperar também as suas irmãs e irmãzinhas, as diferentes formas de estupidez? Fico-me por aqui quanto à importância destas. Erasmo de Roterdão escreveu no seu encantador *Elogio da Loucura*, ainda hoje completamente actual, que, sem certos disparates, o ser humano nem sequer viria ao mundo!

Há muitas pessoas que manifestam possuir uma intuição do domínio tão descarado como poderoso que a estupidez exerce sobre nós mostrando-se amavelmente surpreendidas, num jeito conspirativo, ao ouvirem que alguém em quem têm confiança tenciona conjurar este monstro pelo nome. Não apenas, de

início, pude fazer esta experiência em mim próprio como não tardei a comprovar a sua validade histórica quando, na busca de predecessores no estudo da estupidez — de que só encontrei um número notoriamente pequeno; mas, pelos vistos, os sábios preferem escrever sobre a sabedoria! —, um erudito meu amigo me enviou a versão impressa de uma conferência proferida em 1866, da autoria de Joh. Ed. Erdmann, discípulo de Hegel e professor em Halle. Esta conferência, com o título “Da Estupidez”, começa logo com a menção de que o seu próprio anúncio fora acolhido com risos; e, desde que sei que isto até a um hegeliano pode acontecer, estou convicto de que este comportamento das pessoas relativamente a quem quer falar sobre a estupidez tem muito que se lhe diga, e encontro-me numa posição muito insegura, na convicção de ter desafiado uma potência psicológica poderosa e profundamente ambígua.

Assim, prefiro então confessar sem delongas a posição de fraqueza em que me encontro perante ela: não sei o que ela é. Não descobri nenhuma teoria da estupidez que me permitisse ter a ousadia de redimir o mundo; mais até, nem sequer encontrei, dentro dos limites da circunspecção científica,